

O desânimo chega a Brasília.

E começa a tomar conta da equipe econômica.

O ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, desmentiu ontem que esteja demissionário. Rumores sobre a demissão do ministro foram intensos durante todo o dia nos meios empresariais de São Paulo, e Mailson atribuiu os boatos a "certos grupos de especuladores que desejam obter lucros extraordinários". O ministro não quis citar quem são os especuladores, mas já é visível que o estado de ânimo da equipe econômica do governo não é o mesmo de dois ou três meses atrás.

Mailson admitiu que a economia brasileira vive algumas incertezas que colaboram para o surgimento de boatos. Ele citou a falta de política salarial e de regras de correção cambial como exemplo, e acrescentou que "algumas notícias incorretas" também contribuem para circular esses rumores. Segundo o ministro, seriam "incorretas" as notícias publicadas ontem nos jornais **O Estado de S. Paulo** e **Jornal do Brasil**, referindo-se, respectivamente, à falta de controle da economia e a previsões de que a inflação de junho deve chegar a 20%.

Sobre a matéria da inflação, Mailson comentou que a informação deve ter sido transmitida por algum técnico do Ministério da Fazenda interessado "em se mostrar para o repórter". No caso da notícia publicada por **O Estado**, o ministro disse que recebeu ontem dois telefonemas do presidente da Fiesp, Mário Amato, negando as declarações divulgadas pelo jornal. Mário Amato dissera a **O Estado** que Mailson, durante uma reunião com empresários, declarou ter perdido o controle sobre 92% do déficit público.

O ministro não quis comentar detalhes sobre a nova política salarial, e disse apenas que técnicos do governo estão acompanhando de perto as discussões no Congresso e que "precisamos de uma definição sobre a política salarial o mais rápido possível".

Desânimo

O desânimo com o Plano Verão já é visível entre os membros da equipe econômica do governo. As preocupações se alimentam de indicadores econômicos e reforçam-se em dados políticos. Men-

ciona-se, principalmente, a falta de credibilidade do governo, a propagação de greves e a total desarticulação entre os poderes. E esse desânimo, é evidente, também atinge o ministro Mailson da Nóbrega.

"Eu diria que a esperança dele está cada vez mais tênue", disse uma fonte do governo que conversou longamente com o ministro da Fazenda nos últimos dias. O desânimo é tal que "hiperinflação" já não é mais uma palavra proibida nas fechadíssimas reuniões da equipe econômica. Ela ainda causa desconforto mas alguns membros dessa equipe admitem, em conversas reservadas, que o risco de os 82 milhões de eleitores escolherem o próximo presidente numa situação de descontrole inflacionário não deve ser desprezado.

Na visão dos economistas do governo, o Plano Verão teve o mérito de afastar a ameaça hiperinflacionária. Havia a esperança de manter-se a economia sob controle, com uma inflação de um dígito até as eleições. Mas em março, segundo mês do plano, ficou claro que isso seria impossível.

Os ministros Mailson da Nóbrega e João Batista de Abreu esperavam que com a segunda fase do plano, corrigindo o câmbio e algumas distorções de preços, o nível de incertezas e as especulações na economia diminuiriam. Verificou-se o contrário. As medidas acabaram produzindo aumento do dólar, ouro e outros ativos, num claro indicio de insegurança dos agentes econômicos.

Alguns economistas do governo observam que no contexto atual o risco de que a inflação suba aos altos é muito maior do que no período anterior ao Plano Verão. Num recente reunião no Ministério da Fazenda, chegou-se a examinar a sugestão de um economista fora do governo: soltar os preços. A tese era a de que a inflação subiria para cair em seguida e manter-se estável.

A conclusão da equipe econômica foi de que, se isso fosse feito, o índice pularia rapidamente para 50% ao mês.